

ARQUITETURA PÚBLICA ESCOLAR: O ESPAÇO DA ESCOLA NA CIDADE.

KUNZ, Anni Karoline¹
SANTOS, Cristiane Bento da Silva²
PELOSI, Aline Pittondo³
LUZ, Emily Karoline Ewald da⁴
MADUREIRA, Eduardo Miguel Prata⁵

RESUMO

A arquitetura é empregada pela humanidade com diferentes intuítos como segurança, produção artística, entre outras. Ao ver a arquitetura escolar é possível identificar distintas probabilidades e funções como ambientação, convivência, vigilância, controle e padronização. Este estudo analisa a escola como um espaço sócio-cultural verificando os diferentes significados que existem, as ações que são reguladas pelos seus usuários e a relação com a aprendizagem. Foi desenvolvida uma verificação de caráter qualitativo, utilizando-se de entrevistas com os usuários. Para compreensão deste estudo utilizou-se como referência autores que discutem a questão do espaço escolar e artigos relacionados ao tema. Pelo meio das atividades alcançadas na pesquisa ficou evidente que o espaço escolar é carregado de valores e que esses valores foram tão assimilados pelos usuários que os impedem de enxergar outras formas de organização para a escola.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura, escolar, aprendizagem, espaço, organização.

PUBLIC SCHOOL ARCHITECTURE: SCHOOL SPACE IN THE CITY .

ABSTRACT

The architecture is employed by mankind with different motives such as security, artistic production, among others. Seeing the school architecture can identify different odds and functions as ambiance, friendliness, monitoring, control and standardization. This study looks at the school as a socio-cultural space analyzing the different meanings that exist, actions which are regulated by their users and the relationship with learning. Developed was a qualitative check, using as methodology remarks at school, conversations with professionals. To understand this study we use as reference authors discussing the issue of school space and articles related to the topic. Between the activities achieved in the research it became apparent that the school is full of values and that these values were so nationalized by users that prevent them from seeing other forms of organization for school.

KEYWORDS: Architecture, school , learning, space, organization.

1. INTRODUÇÃO

Objetiva-se problematizar a escola como arquitetura e espaço que ocupa no tecido urbano na produção de discursos e de práticas. Foucault (1994) utiliza-se da arquitetura do Panóptico de Bentham exemplificando-o como uma construção favorável à observação e a um mecanismo eficiente de poder, um laboratório de poder, na produção de saber. A disciplinarização que ocorre no espaço escolar se dá mediante uma relação de poder-saber, que além de produzir o aluno/sujeito, produz discursos no campo da pedagogia, por exemplo, as teorias curriculares e a própria arquitetura escolar.

Para a preparação do artigo definiu-se como pergunta principal Qual a importância do fator arquitetônico para a aprendizagem? Porque investir nesse aspecto? Visando Responde-la adotou-se o objetivo geral estudar o modo que a arquitetura escolar pública se insere na cidade, tendo como objetivos específicos: relacionar a escola com a cidade e seu entorno; estudar a influência do ambiente construído no aprendizado; constatar as carências dessa área.

Pensar em como a escola foi construída, o dimensionamento de sua setorização, mostrando sua importância e observando como esse espaço está sendo utilizado, pois a escola também carrega uma série de sentidos que decidem ações. Mostra que as categorias espaço e tempo não são simples representações de projetos abstratos, aparência neutra em relação ao processo de aprendizagem, eles também nos constituem como sujeitos de um determinado discurso.

Este artigo empregou como metodologia, a pesquisa bibliográfica, e a análise exploratória. Estas são necessárias pois a partir delas serão obtidas informações que irão direcionar o trabalho com o tema proposto. As pesquisas exploratórias têm como objetivo aprimorar as ideias e criar maior familiaridade com o problema (GIL, 1999).

Segundo Bell (1989), os métodos de pesquisa de estudo param se conseguir informações são alcançados de acordo com a intenção de pesquisa a ser adquirida. Com isso o método empregado será amplo, e como define Hartley (1994) dentro da pesquisa de estudo, podem-se empregar vários métodos - qualitativos, quantitativos ou ambos, mas a evidência será de concentrar métodos qualitativos, em função de que problemas associados a pesquisa são melhor abrangidos.

¹ Aluna do 8º Período do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Assis Gurgacz. E-mail: annykarolinekunz@gmail.com

² Aluna do 8º Período do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Assis Gurgacz. E-mail: crist.projeto@hotmail.com

³ Aluna do 8º Período do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Assis Gurgacz. E-mail: aline_pittondo@hotmail.fr

⁴ Aluna do 8º Período do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Assis Gurgacz. E-mail: o.msn.da.emily@hotmail.com

⁵ Professor Orientador. Economista, Mestre em Desenvolvimento Regional. E-mail: eduardo@fag.edu.br

Para uma melhor leitura, este artigo foi dividido em quatro seções: introdução, fundamentação teórica, análises e discussões e considerações finais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Pensar como a escola foi construída, a divisão dos seus espaços, suas volumes, mudanças físicas do projeto original são pontos para os quais busco respostas de meus questionamentos e acredito contribuir para o melhoramento da escola, porque já se sabe que o espaço não é irrelevante e precisamos ler nas entrelinhas para desvendar o que se encontra ocultas (ESCOLANO, 1998).

Segundo Escolano (1998), a escola também carrega uma série de significados que determinam ações e regularizam certas narrativas. Mostra que as categorias espaço e tempo não são simples representações de esquemas abstratos, aspectos indiferentes em relação ao processo de aprendizagem, eles também nos constituem como sujeitos de um determinado discurso.

Nas palavras de Frago e Escolano (1998, p.75) "o espaço não é neutro. Ele sempre educa". Para entender o processo histórico da edificação dos prédios escolares e como surgiu a preocupação com a invenção de prédios destinados ao ensino, Teixeira (1935) já na década de 30 considerava essencial:

[...] que o prédio escolar e as suas instalações atendam, pelo menos, aos padrões médios da vida civilizada e que o magistério tenha a educação, a visão e o preparo necessários a quem não vai apenas ser a máquina de ensinar intensivamente a ler, a escrever e a contar, mas vai ser o mestre da arte difícil de bem viver. (TEIXEIRA, 1935, p. 39)

Profissionais da educação já reconhecem que é importante para o método de aprendizagem o ambiente físico escolar ser agradável para o aluno. Arena (2003) considera que nessa escolha pesam fatores de ordem prática, como a extensão, a amplitude e as condições do espaço físico, a segurança apresentada, pois o aluno deve dispor de conforto para que nada interfira na sua disposição de aprender. Além disso, espera-se que o ambiente seja estimulante, pois ele é um dos muitos meios que a escola deve recorrer para causar o desenvolvimento da atenção e explorar a curiosidade. (ARENA, 2003:10).

A arquitetura escolar é também por si mesma um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância, marcos para a aprendizagem sensorial e motora e toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos. (ESCOLANO, 1998, p. 26).

Para o pensamento de Foucault (1994), as construções dos prédios, inclusive da escola, foram pensadas/propostas com vistas ao domínio, à disciplina dos seus usuários, de forma a predominar o poder e a dominação existentes. O espaço escolar possui princípios e normas que tendem a criação de padrões a serem adotados pelos sujeitos, que por sua vez estão a todo tempo buscando maneiras de driblar essas normas. Nesse aspecto, a realidade escolar aparece mediada, no cotidiano, pela apropriação, elaboração, reelaboração ou repulsa, expressas pelos sujeitos sociais (EZPELETA & ROCKWELL, 1986).

Os tipos gerais abraçados para as construções dos prédios escolares foram estudados tendo em vista a maior economia possível na sua execução e as condições higiênicas e pedagógicas que devem corresponder (Minas Gerais, 1910, p.3).

Os edifícios construídos para funcionamento de grupos escolares dispõem das seguintes acomodações: salas de entrada, onde são colocados vestiários para guardar chapéus e capas das crianças; alpendres largos para facilitar as entradas independentes nas diversas salas; salas de aulas bastante amplas, iluminadas e bem arejadas, sendo em número e dimensões calculadas em razão de 40 crianças em cada sala e com espaço de 5 metros cúbicos para cada menino; um vasto salão para museu; gabinetes para diretoria e professores; dependências para instalação de reservados e, finalmente, ginásios para exercícios físicos e tarefas manuais (Minas Gerais, 1910, p. 13)

A dimensão espacial da atividade educacional não é um aspecto tangencial ou anedótico da mesma. Como a dimensão temporal ou o comunicativo linguístico, ela é como já foi dito, um traço que toma parte de sua natureza mesma. Não é que a condicione e que seja condicionada por ela, mas sim que é parte complementar da mesma; é educação. O espaço escolar não é, pois, um "contendedor", nem um "cenário", mas sim "uma espécie de discurso que institui em sua materialidade um sistema de valores".

[...] uns marcos para o aprendizado sensorial e motor e toda uma semântica que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e, ainda, ideológicos" E, em suma, como a cultura escolar, da qual forma parte, "uma forma silenciosa de ensino". Qualquer mudança em sua disposição, como lugar ou território, modifica sua natureza cultural e educativa (FRAGO, 1995, p.6)

Estruturar ou modificar a relação entre o interno e o externo ao meio escolar - as fronteiras, o que fica dentro e o que fica fora -, ou seu espaço interno -, ao abrir ou fechar, ao dispor de um modo ou outro as separações e os limites, as relações e comunicações, as pessoas e os objetos estão modificando a natureza do lugar. Estamos mudando não somente os limites, as pessoas ou os objetos, mas também o mesmo lugar (FRAGO, 1995, p.71).

Espaço é a consequência produzida pelas intervenções que o orientam, circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflitais ou de adjacências contratuais (...).

Diversamente do lugar, não tem, portanto nem univocidade nem a estabilidade de um "próprio" Em suma, o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar construído por um sistema de signos um escrito. (CERTEAU, 1994, p.202)

A construção da escola e de sua cultura estará, então, intimamente ligada à construção física e simbólica da cidade e da reformulação possível da República. É impossível, pois, pensar o processo de escolarização de saberes ou de conhecimentos na escola pública belorizontina daquele momento se não se levar em conta a inserção da escola no mundo urbano e a contribuição que dela se esperava na transformação de seus habitantes, notadamente das famílias pobres.

3 ANÁLISES E DISCUSSÕES

A escola está arquitetonicamente projetada para um espaço disciplinar. Sua arquitetura demonstra um conceito racionalista que tem como fundamentais características: linguagem formal, sem ornamentação, de formas mais simples e bem geométricas, com aberturas horizontais, integração dos espaços internos e externos, aberturas envidraçadas e, ainda, grandes corredores para uma adequada circulação, empregando o funcionalismo arquitetônico.

Essa definição do espaço tem sua relevante afirmada por refletir a busca em Foucault de referências para colocar como se concretizam relações de poder-saber, ou seja, como as arquiteturas das instituições da sociedade disciplinar viabilizam alguns dos mecanismos ou dispositivos de poder-saber que objetivam a disciplinarização.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No seu conjunto, o espaço escolar sendo este firmado no prédio do grupo, bem como nas suas divisões e subdivisões internas, produziu o fruto de uma nova forma e cultura escolar que em seu movimento de constituição, foi o palco e a cena de apropriações diversas, produzindo e agrupando múltiplos significados para um mesmo lugar projetado pela arquitetura escolar.

Espaço é o efeito produzido pelas intervenções que o circunstanciam e o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. Diversamente do lugar, não tem portanto nem univocidade nem a permanência de um "próprio".

Relembrando Certeau (1994), pode-se dizer que assim como o grupo escolar, com sua arquitetura e imponência, quando relacionado a outros lugares (arquitetura doméstica, arquitetura das ruas, dentre outras), constituiu a cultura de um lugar próprio da educação escolarizada, ou, em outras palavras, na produção de uma forma escolar mais definida. Poderíamos também dizer que a apropriação e as analogias e diferenciadas entre suas várias subdivisões, tais como as salas, o pátio etc, implicou a produção de um espaço.

Em resumo, o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar construído por um sistema de signos - um escrito. (CERTEAU, 1994, p.202).

REFERÊNCIAS

BELL, Judith (1989). Doing your research project: a guide for the first-time researchers in education and social science. 2. reimp. Milton Keynes, England: Open University Press, pp. 145

CERTEAU, Michael de. A invenção do cotidiano – artes do fazer . Petrópolis: Vozes, 1994.

EZPELETA, Justa & ROCKWELL .Pesquisa participante. SP: Cortez Ed., 1986



13º ENCONTRO
CIENTÍFICO CULTURAL
INTERINSTITUCIONAL

MISSÃO DADA É MISSÃO CUMPRIDA

19, 20, 21 E 22 DE OUTUBRO DE 2015



ESCOLANO, Augustín. Arquitetura como programa. Espaço-escola e currículo. In: Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa. Frago, Antonio Viñao e Escolano, Augustín. Trad. Alfredo Veiga-Neto. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. pp.19-57

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rabinow, Paul e Dreyfus, Hubert. Tradução Vera Porto Carrero.. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. pp. 231-249

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir - História da violência nas prisões. 11ed. Ed. Vozes, Petrópolis. 1994.

FRAGO, Antonio Viñao e ESCOLANO, Augustín . Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa. Trad. Alfredo Veiga-Neto. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FRAGO, Antonio Viñao. Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. In: Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa. Frago, Antonio Viñao e Escolano, Augustín. Trad. Alfredo Veiga-Neto. 2.ed.. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. pp. 62-139

MINAS GERAIS. Tipos para construção de prédios escolares. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1910.